

# A psicanálise em diálogo com a poesia: dimensões da experiência

Renata Lisbôa Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe pensar a relação entre a psicanálise e a poesia a partir da noção de experiência. Também pretende formular perguntas que engendrem o trabalho da reflexão, na sala de análise e fora dela, com acento para a sua inextricável ligação com o caldo de cultura. Nosso objetivo consiste em alargar as interlocuções entre a psicanálise e a crítica da cultura, convidando a poesia ao diálogo. Tal herança recebemos de Freud. Com base em textos freudianos que versam sobre a articulação entre a psicanálise e a poesia, a psicanálise e a literatura, destacamos a experiência de visita a uma exposição no museu de Freud. O que efunde, como consequência, são pistas que levam a refletir sobre a importância das artes e da psicanálise como interlocutoras essenciais nesse embate que se trava com o desamparo e a finitude.

**Palavras-chave:** Cultura. Finitude. Freud. Poesia. Psicanálise.

*“O maior apetite do homem é desejar ser.  
Se os olhos vêem com amor o que não é, tem ser”.* Padre  
Antonio Vieira<sup>2</sup>  
(BARROS, 2006)

- 
- 1 Psicóloga. Especialista em Psicologia em Cardiologia pelo Programa de Residência Integrada em Saúde: Cardiologia – ICFUC/RS. Mestre em Psicologia Social e Institucional – UFRGS. Psicoterapeuta com Formação em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica – ITIPOA/RS. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Teoria da Literatura – PUCRS.
  - 2 No documentário *Só dez por cento é mentira*, dirigido pelo cineasta Pedro Cezar, Manoel de Barros conta que colocou palavras na boca de Rabelais, por que Rabelais teria mais autoridade que ele. Hipoteticamente, aqui, ele fez o mesmo com o Vieira, que ele amava tanto!

## Palavras iniciais

Parece ser verdade que as boas perguntas são aquelas que não recebem resposta. Ficam orbitando em torno de nós, a fim de que construamos um caminho. O poeta Rainer Maria Rilke (2001) já dizia que devemos amar as perguntas como um quarto fechado ou livros escritos num idioma muito estrangeiro, enquanto ainda não podemos viver as respostas, até que um dia possamos vivê-las.

Essa é uma imagem interessante de como vislumbrar o que poderia ser o símbolo de um tratamento analítico. Os enigmas que escapam à resistência inicial e atravessam a porta de entrada de tantos consultórios de analistas e terapeutas são de pessoas dotadas de coragem, mas também de sofrimento. Apesar disso, alguns não passam da sala de espera ou nem chegam a ela. Outros, vem, sentam, mas por diversos motivos, não seguem. No entanto, aqueles que chamaremos aqui de mais determinados, dão a mão à parte corajosa em si, apertam a campainha, ingressam e conseguem sentar. E, quem sabe, depois, deitar no divã.

Certamente, um tratamento analítico desliza para uma polissemia imagética e simbólica. Portanto, a proposta de nossa abordagem, neste trabalho, é centrar força no seguinte recorte: a importância das perguntas que orbitam na sala de análise e fora dela, com acento para sua inextricável ligação com o caldo de cultura. Nosso objetivo, portanto, consiste em alargar interlocuções entre a psicanálise e a crítica da cultura (POLI, 2012), convidando a poesia ao diálogo e pensando o psicanalista como aquele que escuta as manifestações e produções do inconsciente, sustentando na transferência um tempo de silêncio. Tal herança recebemos de Freud.

Com efeito, lembramo-nos de uma referência do escritor búlgaro-britânico e ganhador do prêmio Nobel de literatura em 1981, Elias Canetti, por seu romance *Auto-de-fé* (1935). Todavia, tal referência vem de outra obra que gostaríamos de tomar a liberdade de predicá-la como *imperdível*. Em seu texto *O ofício do poeta* (2011), encontramos um excerto que nos faz refletir acerca do argumento do presente artigo sobre os caminhos que temos trilhado na psicanálise e na cultura. Possibilita-nos lembrar, a partir de suas construções em torno à relevância do ofício do poeta, o quanto há de semelhança no fazer do psicanalista na clínica, nas instituições e na cultura. Na questão lançada por Poli (2012, p. 23), ratificamos nossas proposições: “Faremos como Freud e tomaremos a responsabilidade da transferência, reconhecendo nossa implicação?”

Com o intuito de exemplificar nossa reflexão, apresentamos o excerto:

Caracterizei os poetas como os guardiões das metamorfoses, mas eles o são também num outro sentido. Num mundo onde impor-

tam a especialização e a produtividade; que nada vê senão ápices, almeçados pelos homens em uma espécie de limitação linear; que emprega todas as suas energias na solidão gélida desses ápices, desprezando e embaciando tudo o que está no plano mais próximo – o múltiplo, o autêntico -, que não se presta a servir ao ápice; num mundo que proíbe mais e mais a metamorfose, porque esta atua em sentido contrário à meta suprema de produção; que multiplica irrefletidamente os meios para sua própria destruição, ao mesmo tempo que procura sufocar o que ainda poderia haver de qualidades anteriormente adquiridas pelo homem que poderiam agir em sentido contrário ao seu – num tal mundo, que se poderia caracterizar como o mais cego de todos os mundos, parece de fundamental importância a existência de alguns que, apesar dele, continuem a exercitar o dom da metamorfose. Esta seria, creio, a verdadeira tarefa dos poetas (CANETTI, 2011, p. 317).

Com base no que se extrai da passagem acima, perguntamo-nos se psicanalistas e psicoterapeutas têm considerado como questão o tema das metamorfoses. Seria possível afirmar que são guardiões delas, como os poetas?

Evidentemente, essa é uma dúvida que não pretende ser solucionada com rapidez. Como escreveu Blanchot (2010):

O Sim categórico não pode devolver aquilo que por um momento foi apenas possível; bem mais, ele nos tira a dádiva e a riqueza da possibilidade, pois agora afirma o ser daquilo que é, mas como o afirma em resposta, é indiretamente e de maneira apenas mediata que ele o afirma. Assim, no Sim da resposta, perdemos o dado direto, e perdemos a abertura, a riqueza da possibilidade. **A resposta é a desgraça da questão** (p. 43) (grifo nosso).

### Freud e a experiência do amor: inspiração a novas imagens

Inspiradas por uma experiência, tal pergunta faz operar a construção de um lugar para pensar e metabolizar aquela. Recentemente, o museu do Freud<sup>3</sup> abriu suas portas para uma exposição intitulada Freud & Eros: Love, Lust and Longing. Versando ao português, poderíamos ter Freud & Eros: Amor, Libido e Saudade. Trata-se da exibição de algumas cartas, das tantas que o fundador da psicanálise trocou com sua amada, Martha Bernays, à época, sua namorada e, logo depois, sua noiva, além de diversas miniaturas de Eros e de alguns trabalhos de artistas contemporâneos, em que ressaltamos os de Edmund de Waal

3 Disponível para download em: <http://www.freud.org.uk>. Acessado em 01/03/2015.

(2011)<sup>4</sup>. As cartas estão exibidas na parede, mais no alto, com a letra de cada um deles, quase ilegíveis e escritas numa língua que não é a mesma que a nossa. Há a tradução cuidadosamente disposta pela curadoria<sup>5</sup> em inglês.

Neste ensejo, cabe referir que a língua, enquanto esse componente léxico do imaginário (não entendido aqui apenas pelo registro lacaniano), apresentada pelo filósofo Jean-Jacques Wunenburger (2007), é esse patrimônio de ficções nas culturas tradicionais. Portanto, diz respeito a todos nós. Nesse patrimônio, o amor se encontra como idioma em comum, e a emoção que verte, daquele instante, indica que houve uma comunicação de Freud e Martha conosco, desse amor que atravessou o tempo e chegou até nós.

Ainda na parede, encontravam-se algumas frases em destaque extraídas do visitado texto freudiano *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). A curadoria aponta outro horizonte: coloca algumas citações deste texto, oferecendo aos visitantes as linhas possíveis que costuram esse novo tecido, repleto de tramas que se deslocam sobre a profundidade do tema do amor, da libido e do desejo, bem como de seus desdobramentos na vida e na obra de Freud.

Entendemos ser relevante, a fim de engrossar o caldo desta escrita, fazer menção a um excerto do referido texto freudiano.

Libido é a expressão extraída da teoria das emoções. Damos a esse nome a energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora não seja presentemente mensurável) daqueles instintos que tem a ver com tudo que pode ser mensurado pela palavra amor. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (**e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam**) no amor sexual, com a união como objetivo. Mas não isolamos disso – que, em qualquer caso, tem sua parte no nome ‘amor’ -, por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a ideias abstratas (FREUD, 1921, p. 101) (**grifo nosso**).

---

4 Este artista é um dos mais importantes ceramistas do mundo e ficou conhecido no Brasil por seu premiado livro *A lebre com olhos de âmbar*.

5 Entendemos ser válido sublinhar o belo e primoroso trabalho da curadora da exposição. A australiana Jane Burke, escritora e professora de história da arte na Universidade de Melbourne, Austrália, propicia aos visitantes uma viagem no tempo, através das correspondências entre Martha e Freud, legando-nos o valor de conhecer outros aspectos da história da psicanálise. Acrescenta-se a isso o compromisso de transmitir uma herança que transcende os eventos pessoais pertencentes ao casal, visto que fazem circular novas fontes as quais trazem criatividade, devaneios, sonhos e novas partilhas.

A citação acima possui inúmeras linhas de força. A que nos interessa e que se apresenta como fértil para seguirmos em frente, trata de poder pensar no que o amor reúne. Pelo que Freud afirmou, essa ideia de o amor sexual não ficar isolado do amor próprio, mas se estender à presença do amor pelos pais e pelos filhos, da amizade e do amor pela humanidade em geral, além de uma devoção a objetos concretos e a ideias abstratas, faz-nos cogitar a concepção de encontro que engendra experiências intercambiáveis. De um dado conhecimento que é vivido pela prática de uma atividade. Para nós, o amor, necessariamente, nasce da noção de experiência. Ao falarmos em experiência, não podemos deixar esquecer o fio que costura tudo isso, ou seja, a capacidade de compartilhá-la.

Nas suas pesquisas, na clínica e na vida, o fundador da psicanálise foi descobrindo isso e nos transmitiu seus achados por meio da sua bela escrita, sublimando uma noção dotada de riqueza e que fomenta secretas alteridades: o amor atuando como fator civilizador e transformador.

A libido se liga à satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que têm uma parte nesse processo. **E, no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que nos indivíduos, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo.** E isso é verdade tanto do amor sexual pelas mulheres com todas as obrigações que envolve de não causar dano às coisas que são caras às mulheres, quanto do amor homossexual, dessexualizado e sublimado, por outros homens, que se origina do trabalho em comum (FREUD, 1921, p. 114) **(grifo nosso)**.

O teor da escrita de cada uma das correspondências exprime a beleza da forma entremeada ao vigor e à verdade do conteúdo. O formato das letras, a ternura e as ardentes expressões eróticas vindas de ambos os lados, desvelam o desejo expresso em palavras desenhadas e sentidas por eles e em como lidavam com a passagem do tempo, com os intervalos dos encontros e da saudade que sentiam.

Tudo isso acabou puxando os visitantes-viajantes<sup>6</sup> para um bom repuxo nesse

6 A poeta Cecília Meireles escreveu uma bela crônica intitulada *Roma, turista e viajantes* (1999), em que discorre sobre a diferença entre o turista e o viajante. Sensibilizadas e encantadas por este texto, apresentamo-lo aqui: “Grande é a diferença entre o turista e o viajante. O primeiro é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada [...]. O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa,

mar de emoções que, momentaneamente, transformou a sala silenciosa e aconchegante, do segundo andar da casa de número 20, em Maresfield Gardens, Londres. Foi lá também que encontramos, além das várias esculturas e miniaturas de Eros, guardadas e protegidas numa estante de vidro, uma analista kleiniana aposentada, que trabalha como voluntária no museu. Além de tecer comentários sobre a exposição, e por termos lhe perguntado se ainda clinicava, ela contava um pouco sobre a liberdade que sente nesse momento de sua aposentadoria.

A partir desse diálogo conosco, de breves relatos sobre a sua trajetória que se encerrou no consultório, ela nos ofereceu um horizonte. A nosso ver, numa posição afirmativa e otimista em relação à vida, a simpática psicanalista aposta no tempo e segue, livremente, avançando para a vida, depois de um ciclo que se encerrou. Desde então, algo em nossa geografia corporal se movimenta e nos toca, produzindo encantamento e novas aprendizagens. Uma re-afirmação na sua posição subjetiva que nos lança a pensar sobre como podemos nos renovar. Por um instante, Freud parecia estar ali, olhando tudo, testemunhando nosso arrebatamento e tudo aquilo nos enriquecia, fazendo nascer novas vivências poéticas (WUNENBURGER, 2007).

### **A psicanálise em diálogo com a poesia: dimensões da experiência**

Segundo Husserl (1970): “L’horizon fait partie de la structure de l’expérience”<sup>7</sup>. Quem colocou acento neste excerto foi Collot (1989), um expoente pesquisador de poesia e professor da Université Sorbonne Nouvelle, Paris III. Trata-se de uma afirmação profícua, pois nos permite indagar de que modo o horizonte faz parte dessa estrutura da experiência. Se a tomarmos aqui, segundo o filósofo Larrosa Bondía (2002), a experiência não é aquilo que toca, passa ou acontece, mas aquilo que *me* toca, que *me* passa ou que *me* acontece. Percebemo-nos, portanto, diante de um horizonte interno, tema que concerne à psicanálise, especificamente se tomarmos como questão a constituição psíquica do sujeito. Estamos exprimindo através de nossos argumentos o modo como enfrentamos um sintoma social da cultura já denunciado por Benjamin (1933), no seu texto *Experiência e pobreza*. Quando não podemos mais intercambiar nossas experiên-

---

descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente e até do futuro - um futuro que ele nem conhecerá”.

7 Tradução livre da autora: O horizonte faz parte da estrutura da experiência. In: Husserl, E. (1970). *Experiência e jugement*. Paris: PUF Apud Collot, M. (1989). *La poésie moderne et la structure d’horizon*. Paris: PUF.

cias, quando elas não podem mais ser testemunhadas por alguém, quando não se tolera mais escutá-las, aí existe algo de preocupante acontecendo.

É certo que a experiência de ter visitado o museu e ter tido contato com as cartas de amor trocadas pelo casal abriu portas para estendermos o diálogo entre a psicanálise e a poesia. Tendo em vista o caráter poético dos escritos, muitas variáveis decantam dessa afetação genuína causada por emoções diversas que tiram o corpo do seu sossego e o lançam numa travessia que o re-colo-ca em contato com esse tempo original, com as primeiras impressões do início da vida e com o mistério. Evidentemente, esta vivência poética fica reforçada pelo que o próprio Freud sublinhou no seu famoso trecho do texto *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (FREUD, (1907[1906]), p. 20).

Escritores criativos pode dizer respeito à virtude inexplicável das experiências dos poetas, que se desvelam e se intercomunicam, fundando imagens simbólicas. Para Paz, a imagem não explica: convida-nos a recriá-la e literalmente, vivê-la.

[...] e o próprio homem, desenraizado desde o nascer, reconcilia-se consigo quando se faz imagem, quando se faz outro. A poesia é metamorfose, mudança, operação alquímica, e por isso confina com a magia, a religião e outras tentativas para transformar o homem e fazer *deste* ou *daquele* esse *outro* que é ele mesmo [...]. A poesia é entrar no ser (PAZ, 1982, p. 138).

Os poetas veem as coisas antes. Suas palavras são históricas, porque pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são datáveis. Por outro lado, são anteriores a toda a data, visto que são um começo absoluto (PAZ, 1982).

Talvez por isso, Freud tenha se encantado tanto com o baixo-relevo de Gradiva. Possivelmente, pela sua beleza e pelo seu sentido, tendo-a sempre perto de si, em Viena e em Londres. A poesia concentra, historicamente, dois sentidos que se complementam: a constituição de um produto social e o fato de ser

uma condição prévia à existência de toda a sociedade (PAZ, 1982). Os poetas demonstram se preocupar com os caminhos que levam mais aos acordes e menos aos acordos e aos consensos, às certezas dos grandes produtos da ciência e de tudo o que está lhe dando sustentação.

Como crítico mordaz da cultura, Manoel de Barros nos brinda com o que, para nós, é uma beleza!

#### O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto das palavras fatigadas de informar.  
Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas.  
Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim um atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática:  
eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios  
(BARROS, 2006, MI, 2<sup>a</sup>I, IX)<sup>8</sup>.

Mais uma vez, as linhas dessa fronteira imaginária da poesia e da psicanálise se encontram. Elas poderiam ser descritas como bons hormônios que fazem expandir as dimensões mais enriquecedoras da subjetividade e do psiquismo humanos. Possivelmente, mais lúcidas e mais simples, porque complexas. Nesse enriquecimento lúcido, que ganha em profundidade e simplicidade, a composição do silêncio só terá sentido de paisagem, se antes avistar o horizonte da transformação.

---

8 Memórias Inventadas, 2<sup>a</sup> Infância.

Ao dizer que só usa a palavra para compor os seus silêncios, o poeta já está dizendo que a toma em grande valia. Disso, inferimos que só a utiliza raramente. Ser da invencionática, por conseguinte, significa desfrutar de uma posição subjetiva que sabe escapar aos automatismos de repetição, tão disseminados na cultura e produtores de diversos tipos de sofrimento. Do sexo virtual à proliferação das tatuagens, dos *check-lists* que confirmam o lugar da pertença nos grupos, desde que se seja igual, se vista igual e se pense igual até as mais terríveis formas de violência.

Apoiadas no argumento de Collot (1989)<sup>9</sup>, situamo-nos melhor e desfrutamos de indicações que nos lançam a novas perguntas sobre o que avança na contemporaneidade, visto que nos dispomos a verticalizar nossas interrogações. A psicanálise e a poesia se inserem nessa conversa como interlocutoras importantes de uma discussão à qual não podemos nos furtar.

Na sala de análise, os restos do poeta se fecundam em silêncios, palavras e balbucios. Esse amor pelos muitos outros o qual nutre o terapeuta e o analista, pela metamorfose e por alteridades, propicia que aqueles sem capacidade de cantar a cantoria do amor possam, talvez, retomar essa capacidade ou inaugurar-la na presença de um analista ou terapeuta. A discussão perpassa os conceitos fundamentais da psicanálise, tão conhecidos nossos: inconsciente, repetição, transferência e pulsão. Embora eles estejam sempre interligados, priorizamos discutir o de transferência, por se configurar, no contexto do artigo, como o mais importante, porque se relaciona diretamente com o tema da identificação. É pelo amor de transferência que o paciente poderá resgatar alguns de seus soterramentos impostos pela ação do recalçamento.

É pelo amor às metamorfoses, pela atenção flutuante e por se dispor a preparar o terreno a esse livre acesso entre os homens, que os analistas e terapeutas, como o poeta, dão respeito ao que aparentemente é desimportante! Cada detalhe de um sonho pode ser revelador de um ponto cego da história. Cada ato falho, chiste ou fantasia podem ganhar força nesse quebra-cabeça que tentamos montar ou re-montar!

---

9 Gostaríamos de destacar que as reflexões presentes no texto efundem da conferência proferida pelo professor Michel Collot, em fevereiro de 2015, no Musée du Quai Branly ([www.quaibrantly.fr](http://www.quaibrantly.fr)), em Paris. A conferência, intitulada *Le parti pris des lieux* (A noção dos lugares) integra um seminário transversal do grupo Escrituras da Modernidade – Littératures et anthropologie: histoires de gestes, 2014-2015 (Université Sorbonne-Nouvelle – Paris 3).

## A poesia, o imaginário e os espaços que engendram alteridade

Assim sendo, quais as direções que temos optado por trilhar? Como crescemos psiquicamente? De que modo podemos suplantar nossos obstáculos que impedem de seguirmos em frente como sujeitos do inconsciente e da cultura?

Conforme Collot (1989):

*Lês poètes modernes tendent à faire de ce qui n'est, dans la perception habituelle, qu'une occultation provisoire, une invisibilité radicale; et corrélativement, ils font de l'horizon interne de la chose, non le support de son identité et de son sens, mais la marque de une secrète alterité, qui la fait échapper à toute identification ou signification (p. 17).<sup>10</sup>*

De que forma esta secreta alteridade estaria ao alcance de nossas mãos para nos autorizarmos a devanear mais sobre o interior das coisas? Como pensar a construção do lugar do sujeito? Collot nos oferece uma variedade de elementos para nos servirmos e degustarmos. Todavia, elegemos um que nos parece potente para ser deslindado: a ideia do lugar que se especifica – considerando a singularidade como sendo efeito dessa delimitação –, e produz novas geografias: emocionais, sociais e sensíveis.

Retomando o diálogo, a experiência da visita ao museu de Freud, bem como a atmosfera que nos envolvia, permitiu-nos respirar outros ares e outros tempos. As esculturas e os diferentes significantes que ali orbitavam, evocaram-nos algumas sensações sobre essa secreta alteridade apresentada por Collot (1989). A mesma forja um espaço que se transforma em lugar, psíquico e social, certamente, através desse sentir-pensar do visitante. Este consegue se entregar a uma experimentação a qual, provisoriamente, é capaz de suspender o tempo cronológico, levando-nos ao arrebatador encantamento com as histórias e cartas de amor. Um relevo do enamoramento de Freud e Martha, que é oferecido a nós como uma preciosa imagem.

Como sinalizou o filósofo francês e epistemólogo Gaston Bachelard:

*O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente*

---

10 Os poetas modernos tendem a fazer disso que não é, senão, uma ocultação provisória, uma invisibilidade radical; e correlativamente, eles fazem do horizonte interno da coisa, não o suporte de sua identidade e de seu sentido, mas a marca de uma secreta alteridade, que a faz escapar de toda identificação ou significação (Tradução livre da autora).

aberta, evasiva. É ela, no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade. Mais que qualquer outro poder, ela especifica o psiquismo humano (1943, p. 1).

A partir desta abertura e desta experiência da novidade, tão necessárias à renovação do psiquismo e por meio da extraordinária ligação com o campo das artes, nos retiramos momentaneamente do universo miserável do cotidiano e mergulhamos no oceano polissêmico do imaginário.

Segundo Wunenburger (2007), especialista em Bachelard, importante pesquisador dos estudos do imaginário, filósofo e professor emérito da Université Jean Moulin 3, o imaginário é compreendido como um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas, formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados.

Uma primeira trilha, então, àquela pergunta, surge com mais nitidez. Conduz a um lugar que venha a ser cenário para nos abrigarmos; onde se possa soltar nossa imaginação e beber de novas fontes criadoras. Vislumbrar um horizonte que se transforme em paisagem e que acolha as nossas possíveis metamorfoses. Algo que Canetti (2011) resume de maneira ímpar, ao ter escrito que:

[...] os poetas deveriam manter abertas as vias de acesso *entre* os homens. Deveriam ser capazes de se transformar em *qualquer um*, mesmo no mais ínfimo, no mais ingênuo, no mais impotente. Seu desejo íntimo pela experiência de outros não poderia jamais ser determinado por aqueles objetivos que regem a nossa vida normal, oficial, por assim dizer: teria de ser absolutamente livre de toda pretensão de sucesso ou prestígio, ser uma paixão por si, a paixão justamente pela metamorfose (p. 317).

Indubitavelmente, há pontos em comum extraídos do dizer de Canetti (2011), no que tange ao ofício do poeta e ao ofício do analista. Nessa arqueologia pelo simbólico, as vias se alongam para que aconteça esse acesso entre os homens. Tais vias são descerradas pelo trabalho com a palavra, pelo acolhimento e metabolização das sensações e percepções, que são instrumentos de trabalho para os dois ofícios. Somado a isso, mais do lado dos psicanalistas e psicoterapeutas, pelas produções do inconsciente que se manifestam e se escondem, pela restauração minuciosa que se faz de cada história, pelo que surge da transferência e de suas ressonâncias contratransferenciais, além da experiência

de entrar em contato com o silêncio – seu e de seus pacientes. Todavia, o que ressaltamos aqui diz respeito a esse desejo íntimo pela experiência de outros e à fulcral manutenção da abertura das vias de acesso entre os homens, sem deixar em segundo plano a paixão pela metamorfose. Tudo isso parece conjugar o que Collot (1989) havia sinalizado sobre essa secreta alteridade. A exposição e toda a obra de Freud nos levam a considerar o seu legado como condição para que essa paixão pela metamorfose se acenda, sempre que possível!

Por falar em paixão, entendemos ser oportuno chamar ao texto novamente a presença da escrita de Octávio Paz. Poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, ele recebeu o prêmio Nobel de literatura em 1990. Dotado de uma capacidade indiscutível e inestimável de compreender e falar sobre a complexidade humana, mantém-se vivo iluminando nossos pontos de ignorância e nos fazendo avançar diante daquilo que ainda não sabemos.

O seguinte excerto, extraído da sua conhecida obra *O arco e a lira* (1982), incrementa nossa ponderação sobre os fios que compõem o tecido do texto e que são tramados pelos diálogos que ora propomos: “Os amantes tiram a palavra da boca. Tudo coincide: pausas e exclamações, risos e silêncios. O diálogo é mais que um acordo, é um acorde. E os namorados procedem como duas rimas felizes pronunciadas por uma boca invisível” (PAZ, 1982, p. 63).

Nesse acorde, encontramos uma tradução possível que se aproxima da epifania vivida na exposição (e por muito tempo, ainda), através das cartas e das esculturas. Neste ritmo, *convidamos*, novamente, Freud à conversa, pois todo esse diálogo deságua num rio que não para de fluir. Esse rio, da psicanálise e da poesia, desemboca no mar da efemeridade, ou se preferirmos, com Freud, no mar de *A transitoriedade*.

### Palavras finais

O breve ensaio freudiano, escrito em 1915, *A transitoriedade* (*Vergänglichkeit*), é geralmente traduzido pelos franceses como efêmero destino (*éphémère destinée*) e explícita, de maneira irrefutável, o Freud escritor (MANGO; PONTALIS, 2013), em um diálogo entre o *Dichter* e o *Forscher* (entre o poeta e o pesquisador). De acordo com os historiadores da psicanálise, seria uma troca de ideias entre Freud, Rilke e Lou Andreas-Salomé. Conforme Mango e Pontalis (2013, p. 21), aquele texto aborda uma metamorfose vivida pelo próprio pai da psicanálise, que de pesquisador se transforma em poeta, “[...] promovendo uma concepção absolutamente original sobre o luto, uma verdadeira celebração da própria língua alemã e da fugacidade das palavras na escrita. É, nesse sentido, uma homenagem íntima de Freud a Goethe, verdadeiro destinatário de *A transitoriedade*”.

Ainda sobre o ensaio, merece ser dito que ele fora escrito alguns meses após Freud ter escrito *Luto e Melancolia*, mas que o publicou dois anos depois. O diálogo que se trava entre os amigos versa sobre a beleza e sua inevitável extinção. Tudo que teria sido amado anteriormente, perderia o seu valor por estar “fadado à transitoriedade” (FREUD, 1915a, p. 317).

Irremediavelmente, Freud nos oferece um atalho, lembrando-nos deste real, que desconcerta a todos. Coloca em cena a possibilidade de aprofundarmos o constante paradoxo da sede humana pelo absoluto, a qual nunca será extirpada do homem, ao mesmo tempo que faz piscar a luz intermitente, sinalizando nosso desamparo e nossa finitude. Nesse sentido, somente com a força mediadora do simbólico – nas suas mais variadas expressões e produções – é que podemos dar conta de enfrentar tal paradoxo. Por conseguinte, a psicanálise e a poesia que permanecem vivas são essas que falam do humano, sem se desatualizar, que falam do nosso aniquilamento e da nossa finitude, auxiliando-nos a lidar com isso. E talvez aqui se anuncie uma das tantas respostas às perguntas que lançamos, visto que a arte é a contramão em relação à morte e à inelutável marca da temporalidade. Estas parecem ser a mestria e maestria freudianas neste curto, porém, contundente escrito.

Como, então, essa beleza, no dizer freudiano, escaparia dos poderes de destruição? Neste momento, nos parece, *dichter* e *forscher* se imbricam e uma voz uníssona responde que não poderia se furtar a considerar o ponto de vista pessimista do poeta, “de que a transitoriedade do que é belo implica uma perda do seu valor” (FREUD, 1915a, p. 317).

Justamente, por essa ameaça da perda é que seu valor aumenta. Seguindo ele:

O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. Era incompreensível, declarei, que o pensamento sobre a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos. Quanto à beleza da Natureza, cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, de modo que, em relação à duração de nossas vidas, ela pode de fato ser considerada eterna (1915a, p. 317).

O breve ensaio freudiano contribui, inquestionavelmente, com uma profunda e necessária reflexão a analistas, poetas e todos aqueles que se permitem tocar por tal questão. Em tempos contemporâneos, em que a inflação narcisista produzida na cultura e pela cultura não cessa de se expandir, o tema do luto vem sendo vivido como algo a se obliterar. As construções da secreta alteridade, num certo sentido, perdem força ao imediatismo de um pensamento curto e de ex-

periências empobrecidas, as quais aparecem narradas no consultório, na sala de aula, nas empresas e organizações, entre amigos, e assim por diante.

Por essa razão, este texto é tão atual, principalmente, quando lido em companhia de outro, *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915b), que exemplifica com clareza o pensamento trágico de Freud sobre a condição humana, em que ele reitera o valor da vida e da aceitação de sua fragilidade e finitude, problematizando a desilusão humana e a desesperança frente à guerra, ao mesmo tempo em que acentua o problema da queda das alturas éticas do homem, as quais provocaram – e ainda provocam – tanta dor, o que ele chamou de uma falta de compreensão interna demonstrada pelos melhores intelectos (FREUD, 1915b).

Retomando o texto *A transitoriedade*, é interessante ressaltar essa perspectiva de investimentos e re-construções frente à tragicidade da vida e das experiências ligadas a ela. “Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, talvez sobre uma base mais sólida e duradoura do que antes” (FREUD, 1915a, p. 319). Tal base tem relação com a ideia de *fundo*, isto é, do solo do pensamento e da poesia que é a língua. Para Mango e Pontalis (2013, p. 23), “A transitoriedade goethiana e o pensamento freudiano perduram na língua. A escrita é a morada do efêmero”.

Obviamente, a efemeridade das coisas reside nesse embate constante do homem com suas experiências e com a passagem do tempo. Envolve a noção de sensibilidade e de cinestesia, bem como a impossibilidade de retê-las por muito tempo, justamente, porque são da ordem das percepções, no que diz respeito à sua fonte, que é sempre o corpo, que é sempre transitório.

No dizer dos psicanalistas:

Se o pensamento freudiano subsiste como obra, é pela força de suas descobertas intelectuais e por habitar poeticamente a língua. Habitar poeticamente uma língua significa que o pensamento encontra a *poiesis* das palavras, num abandono mútuo, numa fecundidade amorosa, de que um dos exemplos, trêmulo e belo e perene, são essas páginas sobre *A transitoriedade* (MANGO; PONTALIS, 2013, p. 23).

Sáímos da casa de Freud, assim como do texto, com a sensação de que o amor, de fato, reúne muitas coisas, dentro e fora de nós. E a fração de ejeção do músculo cardíaco pode ser um estilingue que lança, constantemente, esse sangue-seiva ininterrupto, enquanto a vida pulsa. A diferença do músculo cardíaco para o músculo poético – inventamos – é que aquele um dia finda; esse, para sempre fica, em cartas, fotografias, histórias, pinturas, esculturas, músicas, memórias de viagens, isto é, um grande tesouro do qual precisamos cada vez mais

ir em busca. Dizemos isto, porque compreendemos que é ele que dilata as possibilidades do livre acesso entre os homens. É ele que constrói as pontes as quais possibilitam as nossas re-construções e os movimentos de abertura e de troca em relação ao outro (em mim e no meu semelhante). Acreditamos que esse é um dos produtos-resposta que decantam do texto, ou seja, a beleza da linguagem e das artes como passagens livres que nos auxiliam a avançar.

Sobre a beleza o meu pai também explicava: só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro... As palavras são objetos magros incapazes de conter o mundo. Usamo-las por pura ilusão. Deixamo-nos iludir assim para não perecermos de imediato conscientes da impossibilidade de comunicar e, por isso, da impossibilidade da beleza. Todas as lagoas do mundo dependem de sermos ao menos dois. Para que um veja e o outro ouça. Sem um diálogo não há beleza e não há lagoa. A esperança na humanidade, talvez por ingênua convicção, está na crença de que o indivíduo a quem se pede que ouça o faça por confiança. É o que todos almejamos. Que acreditem em nós. Dizemos algo que se toma como verdadeiro porque o dizemos simplesmente (MÃE, 2014, p. 27).

Isso dá a consistência que necessitamos e é para este horizonte que a psicanálise também avança, no nosso ponto de vista, enquanto revitalizadora das fontes criadoras e dessa entrada no ser. Dessa necessária amplitude de compreensão que terapeutas e analistas precisam ter, a fim de tentar dar conta da complexidade que é escutar alguém.

Como escreveu o poeta:

#### DESEJAR SER

Sou um sujeito cheio de recantos.  
Os desvãos me constam.  
Tem hora leio avencas  
Tem hora, Proust.  
Ouço aves e beethovens.  
Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.

O dia vai morrer aberto em mim (BARROS, 1996, p. 339).

Por essa grandiosidade da arte, para a qual Freud contribuiu imensamente com a história e com a herança que nos deixou, precisamos nos lembrar de que somos pequenos demais diante de excessos narcisistas, mas também, de que somos potentes demais para nos desperdiçarmos com tanta pusilanimidade, como ele mesmo nos ensinou. Que possamos ouvir um pouco mais de aves e beethovens!

### **Psychoanalysis dialogues with poetry: dimensions of the experience**

**Abstract:** This paper aims to reflect the relationship between psychoanalysis and poetry, since the notion of experience. It also intends to formulate questions that engender the work of reflection in the analysis room and beyond, with accent to its inextricable relationship with the culture. Our goal is to extend the dialogues between psychoanalysis and the critique of culture, inviting poetry to dialogue. This inheritance, we have received from Freud. Based on freudian texts that deal with the relationship between psychoanalysis and poetry, psychoanalysis and literature, we highlight the experience to an exhibition at the Freud Museum. What pours out, as a consequence, are clues that lead to think about the importance of art and psychoanalysis as essential interlocutors in this clash that hangs with the helplessness and the finitude.

**Key-words:** Culture. Ending. Freud. Poetry. Psychoanalysis.

### **Referências**

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Originalmente publicado em 1943.

BARROS, M. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Editora do Planeta, 2006.

\_\_\_\_\_. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. Originalmente publicado em 1996.

BLANCHOT, M. **A conversa infinita**: a palavra plural. São Paulo: Escuta, 2010.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. Originalmente publicado em 1933.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

CANETTI, E. **Auto-de-fé**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. Originalmente publicado em 1935.

\_\_\_\_\_. O ofício do poeta. In: **A consciência das palavras**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

COLLOT, M. **La poésie moderne et la structure d'horizon**. Paris: PUF, 1989.

FREUD, S. (1907[1906]). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1915a). A transitoriedade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1915b). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 15. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MÃE, V. H. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MANGO, E. G.; PONTALIS, J. B. **Freud com os escritores**. São Paulo: Três estrelas, 2013.

MEIRELES, C. Roma, turista e viajantes. In: **Crônicas de viagem 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

POLI, M. C. **Leituras da clínica, escritas da cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

RILKE, R. M. **Cartas a um jovem poeta**. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

WAAL, E. **A lebre com olhos de âmbar**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

WUNENBURGER, J. J. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

RENATA LISBÔA MACHADO  
Travessa Pedro Modesto Rampi, 18 / 505  
90650-060 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: relisboa@hotmail.com